Colégio Mauá Santa Cruz do Sul	LITERATURA –230 PRÉ-MODERNISMO VI PROFESSORA DIRCE MEINHARDT

Afonso Henriques de Lima Barreto
(1881 – 1922)

LIMA BARRETO

A biografia de Lima Barreto explica o terreno ideológico de sua obra: a origem humilde, a cor, a vida penosa de jornalista pobre e de pobre funcionário público, aliadas à viva consciência da própria situação social, motivaram sua escrita.

Aspectos fundamentais de seus romances mais importantes:

Personagens: retrata o mundo dos políticos ineficazes e poderosos, de ignorantes que se passam por sábios, de militares incapazes e tirânicos, ao qual ele opõe as figuras oprimidas do subúrbio, mostrando sua revolta contra essa ordem social injusta.

Espaço: a ação de seus romances se passa no Rio de Janeiro, recebendo destaque os bairros pobres.

Época: prende-se à realidade histórica de seu tempo, documentando, por meio da ficção, os acontecimentos importantes da vida republicana.

Temas: questão racial; denúncia da hipocrisia e das falsas aparências; denúncia de associação de dinheiro a prestígio; crítica à burocracia medíocre e inútil, e crítica ao nacionalismo ufanista e quixotesco.

Principais obras

- Recordações do escrivão Isaías Caminha (1909)
- Numa e ninfa (1915)
- Clara dos Anjos (1948)
- Triste fim de Policarpo Quaresma (1915)
- Os bruzundangas (1923)

O caráter de denúncia social dos textos de Lima Barreto tem originalidade: ele vê o mundo com o olhar dos "derrotados", dos injustiçados, dos que são feridos pelo preconceito. O preconceito de cor, especialmente, é o motivo central de sua indignação. Conhecedor da estrutura discriminatória da sociedade brasileira sentiu, muitas vezes, a rejeição aberta ou sutil. Por essa razão protesta com veemência (Ex.: Clara dos Anjos + Recordações do escrivão Isaías Caminha).

Recordações do escrivão Isaías Caminha

É o primeiro livro do autor. Saiu em folhetim, em 1907, na revista Floreal, publicação dirigida pelo próprio Lima Barreto, no Rio de Janeiro. Em livro, foi publicado pela primeira vez em Portugal, em 1909. O romance faz um retrato ácido da imprensa e dos literatos que frequentavam a boemia carioca do início do século passado. Vários dos personagens que aparecem na narrativa foram inspirados diretamente em pessoas que Lima Barreto conheceu e com quem conviveu. Personalidades reais da época, como os escritores João do Rio e Coelho Neto, podem ser reconhecidos em personagens criados pelo escritor. Mas a narrativa não se restringe a essa chave de leitura, que associa personagens e pessoas reais, nem à crítica feroz aos mecanismos da imprensa brasileira e à conduta dos jornalistas. O livro de Lima Barreto é acima de tudo uma ficção excepcional sobre a figura de um mulato pobre e de grande capacidade, morador de um subúrbio do Rio de Janeiro, que vai para a capital a fim de estudar e trabalhar. Ali, descobre que a sociedade em que vive é complexa, que nela ainda imperam o preconceito, a desigualdade e favorecimentos de toda ordem, situação contra a qual o protagonista vai tentar se contrapor.

Narrado em primeira pessoa por Isaías Caminha, o romance faz também um retrato da vida na Primeira República e das transformações da então capital, o Rio de Janeiro, centro econômico, político e intelectual do país. É uma história sobre as ilusões, as decepções e as esperanças próprias da realidade brasileira.

A crueza estilística, no caso de um romance de teor autobiográfico como Recordações do Escrivão Isaías Caminha, é a ideal para a representação dos percalços e dos preconceitos de ordem social e racial enfrentados por seu personagem em busca de ascensão na profissão de jornalista. O mesmo acontece em **O Cemitério dos Vivos**, dura descrição da loucura e da internação em um hospício. É sobretudo nessa força e nessa tentativa de construir uma obra cujos preceitos estéticos são tão pouco disseminados na literatura brasileira, ainda afeita aos ideais de Beleza do parnasianismo, que reside a singularidade da arte de Lima Barreto.

Triste fim de Policarpo Quaresma

*A **primeira parte** da obra se desenrola na cidade do Rio de Janeiro, logo após a Proclamação da República.* O funcionário público Policarpo é um patriota fanático e tido pelos colegas e vizinhos como um tipo excêntrico. Ele só encontra respaldo e atenção para suas ideias na afilhada Olga e no professor Ricardo Coração dos Outros, com quem pretendia aprender a tocar violão para reproduzir modinhas, para ele a melhor e mais pura manifestação da música popular brasileira. O fanatismo leva o personagem a extremos: estuda o tupi-guarani e propõe que esse idioma seja oficializado como língua nacional. Seu requerimento à Assembleia Legislativa, fazendo essa solicitação, foi motivo de chacota de toda a imprensa e dos colegas de repartição; depois disso, Policarpo redige, distraído, um documento oficial naquela língua e é internado num hospício, lá permanecendo durante seis meses.

*Na **segunda parte**, são analisados os problemas enfrentados pela porção rural do país.* Desgostoso, Policarpo vende tudo que tem e compra um sítio de nome *Sossego.* Com a ajuda do empregado Anastácio, luta contra saúvas, ervas daninhas e outras pragas na tentativa de incentivar a iniciativa agrícola em outras pessoas e ajudar no crescimento econômico do Brasil e do mundo inteiro. A fertilidade do solo, no entanto, não se comprova na prática, e sua plantação ge-rou pouquíssimos lucros. Para piorar, Policarpo viu-se envolvido, involuntaria-mente, na luta política da cidade, sendo atacado com multas e difamações, tudo por causa de sua suspeita (para os locais) neutralidade. Ao saber sobre a Revolta da Armada, Quaresma "pede energia" em telegrama ao Presidente Floriano Peixoto e segue para o Rio, para dar apoio ao regime e sugerir formas que mudassem a situação agrária.

*A **última** e mais tensa **parte** do livro, narra as andanças de Policarpo pela Capital Federal durante a Revolta da Armada e mostra sua desilusão final.*
Chegando ao Rio, Policarpo é bem recebido por Floriano Peixoto, que, no entanto, dá pouca atenção às suas propostas de reforma. Decidido a lutar pela República, Policarpo é, então, incorporado a um batalhão no posto de major, embora não tivesse qualquer experiência militar prévia. Encarregado de um pelotão de artilharia improvisado com voluntariados à força - como seu amigo Ricardo Coração dos Outros -, Policarpo deveria rechaçar investidas dos marinheiros às praias cariocas.
A revolta criava, ao mesmo tempo, tensão – devido a prisões e violências arbitrárias – e oportunidades de ascensão social e empregatícia a cupinchas e puxa-sacos. Policarpo, enquanto isto, percebe que suas propostas não eram levadas a sério – é chamado, de forma um tanto irônica, de *visionário* pelo indolente *Marechal de Ferro* Floriano Peixoto - e se desilude ainda mais quando, tendo entrado em com-bate, acaba por matar um dos revoltosos.Finda a revolta, e encarregado de cuidar de um grupo de prisioneiros, Policarpo chega à conclusão de que a pátria, pela qual ele sacrificara sua vida de estudos, era uma ilusão, nunca existira. Num momento pungente, tocante, descobre que passara toda a sua vida numa inutilidade. Seu destino é selado quando, após presenciar a escolha arbitrária de prisioneiros a serem executados, ele escreve uma carta a Floriano Peixoto denunciando a situação. Ocorre, então, que o maior patriota é injustamente preso. Foi condenado ao fuzilamento, por ordem do presidente Floriano Peixoto sob a acusação de traição.

Os bruzundangas

É obra póstuma de Lima Barreto. Uma coletânea de crônicas, em que o autor, com a percepção aguda e crítica, satiriza uma fictícia nação onde ele mesmo teria residido. Seus capítulos enfocam, entre outros temas, a diplomacia, a Constituição, transações e propinas, os políticos e eleições em Bruzundanga.

Critica os privilégios da nobreza, o poder das oligarquias rurais, a futilidade das sanguessugas, desigualdades, saúde e educação tratadas com desdém, enfim, mazelas parecidas às de um país real. Nesse país há oportunistas, retrógrados e escravocratas... Sobre os usos e costumes das autoridades, escreve que não atendem às necessidades do povo, tampouco lhe resolvem os problemas. Cuidam de enriquecer e firmar a situação dos descendentes e colaterais. Diz: não há homem influente que não tenha parentes e amigos ocupando cargos de Estado; não há doutores da lei e deputados que não se considerem no direito de deixar aos filhos, netos, sobrinhos e primos gordas pensões pagas pelo Tesouro da República. *"Bruzundangas" é um substantivo feminino que pode significar "palavreado confuso, mistura de coisas imprestáveis, mixórdia, trapalhada, embrulhada".*

Clara dos Anjos

É um romance póstumo do escritor que foi concluído em 1922 – ano em que o autor faleceu – e publicado apenas em 1948. Tendo como cenário o subúrbio carioca, a obra é uma feroz e áspera crítica contra o preconceito social e racial. Com uma narrativa até mesmo exagerada, Lima Barreto conta em "Clara dos Anjos" a história da moça negra e pobre, discriminada como tantas outras iguais a ela Brasil a fora. O ambiente e a vida das pessoas são retratados com riqueza de detalhes para aproximar o leitor da realidade de cada personagem, seus pensamentos, suas inquietações, suas vitórias e frustrações. O realismo-naturalismo que influenciava o autor pode transmitir ainda a impressão de que as ações dos personagens são produtos de suas características hereditárias, do meio e do momento histórico em que vivem.

Clara dos Anjos é protagonista e narradora. Trata-se de uma jovem ingênua, frágil e mulata. Seu pai, Joaquim dos Anjos, é um carteiro honesto, de bom coração, mas pobre. Nada disso seria problema ou empecilho para a felicidade da família, se Clara não se envolvesse com o mau caráter Cassi Jones. Cassi é um rapaz branco, malfeitor e ignorante, que usa o sobrenome por supostamente ter descendido de um nobre inglês. Para se ter ideia da condição do rapaz, seu próprio pai havia cortado relações com ele por causa das muitas aventuras que acabaram com vários casamentos e desonraram diversas donzelas – em um dos casos, a mãe de uma das moças se suicidou, e seu marido passou a distribuir anonimamente dossiês sobre Cassi pelo Rio de Janeiro.

Decidido a aproximar-se da moça, ele foi a sua festa de aniversário para marcar presença e tentar qualquer proximidade. Como sua índole já era conhecida, os pais da moça, seu padrinho e tantos outros amigos a avisaram para tomar cuidado e evitar qualquer tipo de proximidade com Cassi. Clara, no entanto, ingênua como era, não pôde conter a curiosidade acerca do rapaz, imaginando que ele não devia ser tão ruim como diziam.

O dentista de Clara, um velho que pouco se importava com o bem-estar da moça, passou a ser usado por Cassi para efetivamente se aproximar dela. Através dele o rapaz enviava para Clara cartas, que ela respondia e pedia ao dentista que lhe entregasse. Assim se correspondiam regularmente, até que passaram a se encontrar. Clara se envolveu completamente por Cassi, apaixonando-se e confiando em tudo o que ele lhe dizia. A moça não podia evitar o pensamento de que todas aquelas pessoas que falaram mal dele, na verdade, deveriam querer privá-la da felicidade de viver aquele amor. De extrema inocência, ela se entrega para o rapaz, absolutamente iludida por tudo que ele lhe queria fazer acreditar.

Certo dia, surpreendendo Clara, Cassi parte para São Paulo, dizendo ser para uma oportunidade de emprego. Ela havia engravidado, e ele sabia disso. A atitude de Cassi foi simples: desaparecer. A moça mal podia acreditar no que estava vivendo, grávida, enganada. Revelou tudo o que havia acontecido para sua mãe. A mãe de Clara imediatamente vai para a casa do rapaz, pedir para conversar com sua mãe e exigir os direitos da filha: que o rapaz se casasse com ela e assumisse a criança que Clara carregava. No entanto, é recebida pela mãe de Cassi com ofensa de que "mais uma mulatinha" tenha caído na lábia de seu filho e se ache digna de casar com ele. A jovem cai em si e nota que todos haviam lhe alertado veridicamente sobre a personalidade do rapaz, e que agora ninguém poderia intervir para mudar sua situação, sua sina. Clara busca alternativas para sobreviver e dar um futuro digno para o bebê que carrega em seu ventre, principalmente ensinando-lhe sobre caráter e bondade.

E, na cena final, ao relatar o que se passara na casa da família de Cassi Jones para a sua mãe, conclui, em desespero, como se falasse em nome dela, da mãe e de todas as mulheres em iguais condições: *"— Nós não somos nada nesta vida."*